

A EUROPA DE MAL A PIOR

por Mário Soares

A União Europeia - a que Portugal pertence, de pleno direito, há vinte e cinco anos - está a passar momentos muito difíceis. Não tem, apesar do Tratado de Lisboa, um comando único. Pelo contrário, com o novo Presidente, Van Rompuy, e com uma diplomata inglesa, Catherine Ashton, que se está a ocupar da diplomacia da União, para além da Comissão Europeia, presidida por Durão Barroso e da Bélgica que assume, nos próximos seis meses, a chamada presidência rotativa, que passou, no fim de Junho, de Rodriguez Zapatero para Yves Leterme, a confusão tornou-se ainda maior.

Para além dos grandes Estados - o motor franco-alemão e outros - como o Reino Unido, a Itália, talvez a Espanha e a Polónia, não se entendem quanto às medidas a tomar, concertadamente, para vencer e superar a crise.

Agora, sim, se pode dizer, como Kissinger, quando era Secretário de Estado norte-americano: "que não tinha um telefone seguro para ligar quando quisesse comunicar qualquer coisa de importante à Europa"...

A verdade é que os 27 Estados que constituem a União não se entendem - nem os dezasseis do euro - quanto à definição de uma estratégia concertada e convergente para atacar a crise. Há muito egoísmo nacionalista a perfilar-se. O Banco Central Europeu (BCE) presidido por Jean-Claude Trichet, um francês muito pró-alemão, que reside em Frankfurt, sede do Banco, emite medidas de restrição muito severas para reduzir os déficits e os endividamentos externos, públicos e privados. Mas descara as pessoas, o desemprego crescente, a pobreza, a exclusão social e as desigualdades que se cavam, cada vez mais, entre pobres e ricos.

Ao contrário das indicações que tem vindo a defender o presidente do Fundo Monetário Internacional, Dominique Strauss-Kahn, um francês que vive na América e considera (agora) que as receitas neo-liberais só podem agravar a depressão dos países que as seguem.

A Chanceler alemã, Angela Merkel, que se revelou menos perspicaz do que parecia, não se entende nem alinha com o Presidente Sarkozy que, no seu país, está no mais baixo de popularidade que jamais um Presidente francês atingiu, desde De Gaulle. A Itália de Berlusconi começa a revelar grandes rupturas sociais e políticas e a popularidade do primeiro-ministro baixa também todos os dias. A Espanha teve agora um balão de oxigénio com a vitória como campeão mundial de futebol. Mas as dificuldades, económicas e políticas, entre as periferias e o Centro - Castela - só tendem a agravar-se. O Reino Unido está a viver a maior crise económica, financeira e política desde a última guerra mundial. Para não falar da Irlanda, da própria Bélgica ou de alguns países do Leste...

Os europeus - que se prezam de ser europeístas - têm que reagir, a nível nacional e europeu. A União Europeia é o mais interessante e original projecto de paz e de bem-estar social, que se conhece. Não podemos deixar que a crise o destrua. E esse é o grande risco. Somos os primeiros interessados, como europeístas confessos. Por isso, devemos impor-nos e lutar para mudar as políticas e evitar que a União se desagregue e arraste consigo o Ocidente. Seria uma tragédia para o mundo.

Lisboa, 15 de Julho de 2010